

A PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA: MÉTODOS, ESPECIFICIDADES E DIÁLOGOS

José Maria Jardim

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

jardimbr@gmail.com

Refletir sobre métodos de pesquisa em Arquivologia é um pouco aventurar-se como trapezista sem rede de proteção.

Não pretendo fazer adentrar-me na discussão sobre métodos específicos de pesquisa nas Ciências Sociais e sua aplicação. Buscarei mais o mapeamento de questões gerais na expectativa de que possamos avançar, de maneira um pouco mais sistemática, em reflexões de caráter geral sobre a pesquisa e seus métodos em Arquivologia.

Tal opção deve-se ao reconhecimento de inicial de que a Pesquisa na área é historicamente recente.

O próprio campo arquivístico não reconhecia essa dimensão – a da pesquisa - até recentemente. Há algum tempo a ideia de pesquisa em Arquivologia era associada à ideia de investigação em fontes arquivísticas para a produção de conhecimento em outras disciplinas.

Pensar a Arquivologia com um território científico, movido fortemente pela pesquisa é algo relativamente novo. Essa perspectiva cresce de forma mais evidente após os anos de 1990 do século passado. Tal transformação ocorre, nesse período, em função dos novos modos de produção, uso e conservação de documentos num cenário crescentemente influenciado pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Outro aspecto a dificultar a abordagem do tema relaciona-se à pouca frequência sobre os métodos de pesquisa em

Arquivologia na literatura da área. A discussão sobre os métodos de pesquisa em Arquivologia parece ainda bastante periférica. Trata-se de um debate ainda incipiente.

Essa constatação sugere que essa discussão está longe de figurar entre os grandes temas que mobilizam a área no momento. Aí reside talvez uma incoerência já que jamais se pesquisou tanto em Arquivologia. Porém, sabemos que as disciplinas científicas não desenvolvem percursos lineares e são constituídas por dinâmicas históricas e sociais próprias.

Na medida em que avançamos nas nossas práticas de pesquisa (sem excluir o ensino, evidentemente), pensar os métodos de pesquisa em Arquivologia torna-se algo imperativo, junto às escolhas teóricas, empíricas e metodológicas que norteiam nossos projetos de investigação, como, aliás, em qualquer campo científico.

A discussão metodológica na Arquivologia parece estar muito mais centrada nos métodos de processamento arquivístico com finalidades muito precisas de gestão da informação arquivística.

Cabe, portanto, aqui – como ponto de partida – considerarmos a distinção entre métodos de pesquisa em Arquivologia e métodos de processamento técnico da gestão arquivística: a diferença entre “os fenômenos arquivísticos” como objeto de pesquisa e os arquivos como lócus e fonte de investigação por pesquisadores de outras áreas.

Uma questão se coloca de imediato: haveria alguma convergência entre os métodos de processamento arquivístico e os métodos de pesquisa em Arquivologia? Se há, essa convergência seria por si só legitimadora de determinados métodos de pesquisa específicos da Arquivologia? Por outro lado, cabe reconhecer que no trabalho de processamento técnico há uma atitude científica por parte do profissional

de Arquivologia. No entanto, não se trata, segundo Couture, de um trabalho de pesquisa: “Nós não fazemos pesquisas em Arquivologia quando criamos instrumentos de pesquisa para investigadores ou quando se efetua pesquisa em arquivos...” (BARBARA; BURG, 1988-1989, p. 6, tradução nossa).

É fundamental que esse tema seja aprofundado. Neste sentido, a análise dos métodos de pesquisa acionados na produção científica em Arquivologia, especialmente das nossas teses e dissertações, seria muito oportuna.

A par disso, os métodos de processamento técnicos de gerenciamento arquivístico podem ser objeto de pesquisa. Seus resultados podem favorecer contribuições interessantes para a tecnicidade da área. Um estudo comparativo sobre três situações distintas de avaliação e seleção de documentos, por exemplo, poderia revelar aspectos enriquecedores a respeito. Temos, neste caso, as possibilidades de uso de dois métodos de pesquisa clássicos das ciências sociais: estudo de caso e análise comparada.

Talvez, no caso brasileiro, algumas dessas questões fiquem mais evidentes agora que começamos a dar os primeiros passos na pós-graduação *stricto sensu*. O fato de ainda produzirmos, no Brasil, a maioria das dissertações e a totalidade das teses em programas de outras áreas de conhecimento, insere o pesquisador num cenário acadêmico distinto do que seria um mestrado ou doutorado em Arquivologia.

Isso não significa, evidentemente, que uma pesquisa com temática arquivística, desenvolvida no escopo de um Programa de Pós-Graduação que não contempla a Arquivologia, seja necessariamente um trabalho de menor impacto para a Arquivologia. Ao contrário, contamos felizmente, no Brasil, com uma grande quantidade de teses e dissertações de ótima qualidade com temáticas em Arquivologia, desenvolvidas em

Programas de História, Administração, Memória Social, Ciência da Informação, etc. No entanto, o leque de opções metodológicas oferecido ao pesquisador em programas de área afins tende a privilegiar a escolhas já consagradas por aquelas áreas de conhecimento e não as que foram ou estão sendo testadas pelo Arquivologia.

Esses construtos metodológicos se dão, mesmo que sob um cenário interdisciplinar, em um contexto científico institucionalizado em torno de áreas afins à Arquivologia. Sua produção se plasma sob num projeto cujas linhas de pesquisa e conhecimentos acionados não contemplam diretamente a Arquivologia.

Produzir pesquisa com temática arquivística nesses cenários afins poderá ser sempre uma alternativa rica para diálogos interdisciplinares (embora muitas vezes, na prática, numa via de mão única). No entanto, há muito espaço e demandas para mais mestrados e, espero, doutorados em Arquivologia.

Com frequência lembro aos meus orientandos de Mestrado ou Doutorado que estão a produzir em um Programa de outra área de conhecimento que sua pesquisa pode ter um objeto arquivístico, pode mobilizar a teoria arquivística (entre outros recursos teóricos), mas não é uma dissertação ou tese em Arquivologia. É uma tese em Ciência da Informação, em História ou em Administração, etc.

Essa é uma exigência legítima do Programa no qual se encontram. Trata-se de uma demanda inerente ao recorte de conhecimento de qualquer Programa de Pós-Graduação. Mais de uma vez, em bancas de doutorado ou mestrado, ouvi o colega de outra área perguntar ao doutorando/mestrando cujo tema de tese ou dissertação é arquivístico: “Mas o que faz da sua tese uma tese em Ciência da Informação? Ou em História?”. Evidente que os Programas de Pós-Graduação são ciosos dessa questão

por mais interdisciplinares que sejam suas referências.

Aliás, essa “pertinência epistemológica” é um tópico importante na avaliação de um Programa pela CAPES¹. Pertinência em sua raiz latina no sentido de “o que diz respeito a”, de “pertinere”, “pertencer a”; ‘abranger’. Modos de pertinência sem cunho positivista ou que excluam os territórios pluri e transdisciplinares da ciência. Evidentemente, essas distintas “pertinências” repercutem nas teorias, métodos de pesquisa e objetos escolhidos pelo pesquisador.

Lido muito com as questões que derivam dos métodos de pesquisa na área, não apenas nas minhas pesquisas, mas também em especial na pós-graduação. Ministrei a disciplina de Metodologia da Pesquisa em programas de Ciência da Informação e no nosso Programa de Gestão de Documentos e Arquivos². A escolha não apenas dos aspectos teóricos e empíricos da pesquisa, assim como os métodos é algo que inquieta frequentemente os jovens pesquisadores, mas também os pesquisadores mais experientes.

Um elemento pode tornar esse processo mais complexo. Não realizei uma pesquisa a respeito, mas constato na minha experiência que o aluno graduado em Arquivologia chega, em geral, na pós-graduação, muito pouco equipado em termos de experiência de iniciação científica.

Exceções à parte, esse aluno tende a apresentar um domínio frágil sobre o que é Ciência, suas grandes questões, o sistema de comunicação científica, o campo científico na contemporaneidade, a função social da ciência, os métodos de pesquisa e também sobre a carpintaria da pesquisa, especialmente a normalização do trabalho acadêmico. Essa

1 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação.

2 Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO

discussão transcende o objetivo de minha fala hoje, mas acho importante ressaltar esse aspecto numa reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Essa questão transcende o objetivo dessa comunicação, mas não o da V Repara: que reflexões oferecemos aos nossos alunos, na graduação, sobre a ciência e a pesquisa científica?

Parto de alguns pressupostos para sustentar algumas discussões sobre os métodos de pesquisa em Arquivologia. Alguns, explicitarei em um capítulo do livro *Estudos Avançados em Arquivologia*, organizado por Valentim³. Retomo-os aqui.

1 UM PRIMEIRO PRESSUPOSTO

Um primeiro pressuposto é que a Arquivologia é uma disciplina científica no campo das Ciências Sociais. Esse pressuposto, porém, não nos convidava a uma visão de que essa disciplina científica esteja consolidada. Conforme o arquivista francês Christian Hottin (2007)

Colocar a questão da pesquisa arquivística, da pesquisa em Arquivologia, é colocar ou mais exatamente recolocar a questão do lugar da Arquivologia no mundo científico. ... Para muitos ela é antes de tudo uma “prática” ou um “conjunto de técnicas”. ... Com tudo isso, outros dirão que os arquivistas A Arquivologia certamente não é uma ciência, mas sim um belo objeto de estudo para a ciência. (p.1, tradução nossa)

Hottin menciona que se consideramos a ciência um “projeto de explicação do real” relacionado a resultados constantemente

3 JARDIM, José Maria. A pesquisa em arquivologia: um cenário em construção. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). *Estudos avançados em arquivologia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 135-154.

em avaliação, produzidos com autonomia pelos cientistas, é possível pensarmos que “as formas de constituição e difusão do pensamento arquivístico se situam, no essencial, largamente fora do campo científico” (2007, p.4, tradução nossa).

Historicamente, essa perspectiva se fez presente sob a ideia de que a Arquivologia é o que se realiza e se difunde a partir das práticas nas instituições arquivísticas. A Universidade como um lócus de pesquisa em Arquivologia é razoavelmente recente, pós-anos de 1990 do século passado;

Hottin chama a atenção para um discurso arquivístico que frequentemente está vinculado à “apresentação ou explicação das normas administrativa e não a um questionamento sobre um objeto (2007, p.5, tradução nossa)”. Nesse sentido, um desafio da pesquisa em Arquivologia, conforme Hottin, seria “tentar pensar os arquivos fora do seu quadro regulamentar (2007, p.5, tradução nossa)”.

Nessa perspectiva, Hottin questiona, por exemplo, a compreensão do conceito de arquivo apenas na sua definição jurídica, considerando a existência de uma defasagem entre a definição legal de arquivos e as práticas arquivísticas, dinâmicas e em constante mutação.

A prática cotidiana dos arquivistas, através de operações de coleta, contatos com o público, relações com pesquisadores e administradores fornece uma infinidade de situações de estudo potenciais, todas portadoras de um fragmento da definição de arquivos e de um enriquecimento do conceito de arquivo. (2007. p. 6, tradução nossa),

É nesse sentido que Hottin sugere-nos “um projeto de pesquisa por uma Arquivologia não normativa”.

Uma Arquivologia “não normativa” não se trata de um convite a uma Arquivologia anti-normas. Porém, chamamos atenção para o fato de que a área não se reduz à sua normatividade. Aliás, normas eficientes e eficazes requerem pesquisas de qualidade em Arquivologia.

Ao abordar a Arquivologia como uma ciência social em construção, o Serviço de Arquivos da instituição francesa École des Hautes Études en Sciences Sociales, menciona uma “epistemologia arquivística”: “... uma disciplina que interroga a realidade das práticas arquivísticas, diversas e modificáveis de acordo com os lugares e tempos ...” (tradução nossa)⁴. Essa perspectiva, um dos desafios da Arquivologia hoje, vai ao encontro das preocupações de Hottin.

O equívoco frequente ainda é o “dono das práticas” considerar que tem o monopólio da Arquivologia. Ou que a Arquivologia se resume ao mundo das práticas. E mais redutoramente ainda, ao mundo das suas práticas.

Uma vez escutei de um profissional de uma instituição arquivística: “ainda bem que nós produzimos para que vocês tenham o que pesquisar”. Essa afirmação expressa uma visão de Arquivologia autorreferente, limitada e que se pretende legitimada apenas pelas instituições arquivísticas. Além disso, revela um profundo desconhecimento do que é ciência e do que pode ser a Arquivologia como ciência.

Respondi-lhe que nós, pesquisadores da área, pesquisamos também (mas não apenas) o que as instituições arquivísticas fazem, até porque o fenômeno arquivístico não se restringe ao que se passa nas instituições arquivísticas. E ao fazê-lo, temos a oportunidade de, em muitos casos, qualificar e ressignificar o trabalho realizado por essas instituições cuja contribuição

4 Une science sociale en devenir - (<http://www.ehess.fr/archives/document.php?id=4563>)
École de Hautes Etudes e, Sciences Sociales

histórica à Arquivologia é evidente. Porém, ressaltei, se aquele profissional refletisse com uma perspectiva científica menos empiricista e positivista poderia também ser um ator muito mais envolvido na construção de uma Arquivologia contemporânea.

Aqui não cabem generalizações: dentro dos seus limites e considerando a sua vocação institucional, muitas instituições arquivísticas efetivamente contribuem para a produção do conhecimento arquivístico contemporâneo. Os diálogos entre essas instituições e as universidades são reconhecidamente fundamentais, embora, no caso brasileiro, ainda tênues.

Não existe uma Arquivologia que se ensina, uma Arquivologia na qual se pesquisa e uma Arquivologia que é a “realidade prática”. Existe a Arquivologia e seus diversos territórios, interpretações, intérpretes, métodos e práticas. Ou talvez Arquivologias, no plural, dada a enorme influência histórica do Estado na construção do pensamento arquivístico. Por isso que quando lemos ou ouvimos expressões com “Arquivologia francesa” ou “Arquivologia canadense” normalmente identificamos ideias e práticas arquivísticas muito peculiares dessas Arquivologias desses países.

Conforme Jardim (2008, p.33, tradução nossa), uma disciplina científica

é uma atividade socialmente organizada, que pressupõe um discurso e uma prática que constitui um corpo de conhecimento envolvendo uma comunidade de especialistas dessa ciência. Supõe organizações científicas que reconhecem quem é ou não membro do corpo de cientistas, definem regras deontológicas e metodológicas. Uma disciplina científica pressupõe a existência de publicações especializadas, regras de qualidades para os trabalhos a serem publicados e apresentados nos congressos.

A Arquivologia atende rigorosamente a todos esses pressupostos? A resposta dependerá, no mínimo, do entendimento que se tem da área pela própria comunidade profissional e também da realidade de cada país.

2 UM SEGUNDO PRESSUPOSTO

A Arquivologia requer, em diversos momentos e em graus variados, conhecimentos da Administração, da História, do Direito, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Informação, da Ciência da Computação e outros campos de conhecimento. (Jardim, 2012, p.143). Desde os seus marcos fundadores, é uma disciplina com vocação multi, pluri e interdisciplinar.

Em todas as atividades arquivísticas, o arcabouço teórico e os métodos e técnicas próprios da Arquivologia são acionados, evidentemente. No entanto, arquivos não são gerenciados apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia. Requer outros conhecimentos científicos e técnicos que tornam complexas as tarefas de educarmos arquivistas, de sermos educadores e pesquisadores em Arquivologia e de exercermos o ofício de ser arquivista.

Comenta Couture em entrevista a Barbara Roth e François Burgy:

Estamos convencidos que existem problemáticas transversais que partilhamos com as ciências da informação. A avaliação, a preservação dos suportes, a gestão dos serviços de informação, a utilização das tecnologias são alguns exemplos. Mas não se pode mais limitar esses contatos às ciências da informação. Nós acreditamos que é tão pertinente falar de multidisciplinaridade quanto de interdisciplinaridade. Assim, precisamos explorar as trocas com domínios como o direito, a administração e a gestão, a museologia, a história, as ciências políticas e outras [...] Temos, nós também, muito a aportar! Essas trocas nos permitem nos posicionar e conferir a nossa disciplina uma credibilidade. (Burgy; Rothet, 1998-1999, tradução nossa).

A interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade constituem estratégias de legitimação da Arquivologia como ciência. Do ponto de vista da história das ciências, talvez seja pertinente afirmar como uma hipótese bastante razoável, que a perspectiva interdisciplinar na área de Arquivologia, começa a alcançar graus de consolidação bastante nítidos.

Essa perspectiva interdisciplinar é uma vertente em construção. Acolhe profissionais que dela partilham, tanto quanto é objeto de discordância de outros. Esse, aliás, é um dos embates do campo no Brasil, expresso basicamente em três visões:

- a visão da Arquivologia como disciplina autônoma, com bases consolidadas e, de certa forma, ciência auxiliar da História (essa autonomia não significaria, porém, insulamento porque os diálogos com outras disciplinas são um imperativo do quadro científico atual);
- a visão da Arquivologia, bastante redutora, como uma disciplina que constitui uma subárea da Ciência da Informação (uma visão que ganha espaço especialmente no Brasil, como resultado de circunstâncias históricas e, mais recentemente, políticos-institucionais);
- a visão de Arquivologia, assumida nestas reflexões, como uma disciplina científica em permanente construção, dotada de autonomia, porém exercida em diversos aspectos mediante relações interdisciplinares com a História, a Administração, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Museologia, a Sociologia, etc. Essa é hoje a minha perspectiva (Jardim, 2012, p. 143)

No momento, a primeira visão é a que me parece mais compatível com as exigências impostas pela Arquivologia contemporânea.

3 O QUE É PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA?

Indagado sobre o que entende por pesquisa em Arquivologia, Couture responde:

Fazer pesquisa em Arquivologia é essencialmente colocar problemas próprios à disciplina e tentar encontrar respostas satisfatórias. ...Quando nos interrogamos sobre nossos princípios, nossos métodos de trabalho, nossas intervenções, nossas atividades, nossos modos de funcionamento; quando nos colocamos em questão e tentamos ver se existem outras maneiras de fazer, nós inserimos nossas ações num processo de pesquisa [...]. A ligação entre o estado de desenvolvimento de uma disciplina e a pesquisa é muito estreito. Pode-se mesmo afirmar que, sem a pesquisa, uma disciplina, qualquer que seja, não evoluiria e o ensino dessa disciplina se tornaria rapidamente repetitivo [...] Na Arquivologia, questionamentos ainda estão por ser inventados, métodos de pesquisa específicos ainda por serem descobertos. A vivacidade de uma disciplina se mede pela riqueza de interrogações que ela gera (Burgy; Rothet, 1998-1999, p.6, tradução nossa).

Ao comentar a respeito numa jornada de estudos organizada pela École des Chartes e a Associação dos Arquivistas Franceses, em janeiro de 2003, Hottin (2003, p.18, tradução nossa) destaca:

Erik Ketelaar [...] observou em sua discussão introdutória da tarde que o saber arquivístico é construído basicamente em torno de perguntas como “o quê?” e “como?”, mas raramente em torno da pergunta “por quê?”. Pode-se acrescentar que, para qualquer projeto científico, mas particularmente para uma ciência relacionada ao humano, a ausência desta terceira pergunta coloca problemas singulares... Entre os grandes temas de pesquisa na Arquivologia contemporânea não apareceu o “por quê?” dos arquivos. O arquivo parece ser algo

óbvio e essa evidência nunca é questionada, nem são questionados a natureza e o contexto de elaboração das práticas normativas e seletivas realizadas em instituições arquivísticas. Predomina a pergunta “O que?” (na seleção e eliminações). Quanto ao “como?” é, sobretudo, um “como fazer?” (nas normas ou na relação com os documentos eletrônicos), como se a observação dos fenômenos arquivísticos não pudesse ser conduzida sem uma intenção puramente especulativa, sem fins práticos ou didáticos (tabelas de temporalidade, planos de classificação)

Que não se interprete esse comentário como um convite a uma Arquivologia dissociada da sua condição de “ciência aplicada”. Trata-se, no caso, de ampliar o leque de indagações da Arquivologia e reduzir a naturalização do que é imanentemente uma construção social.

4 MÉTODOS DE PESQUISA

As alternativas metodológicas não podem ser isoladas da construção do objeto da pesquisa, das suas escolhas teóricas e dos recursos de infraestrutura da pesquisa. Ao fim e ao cabo, o que determina a escolha de um ou mais métodos é a questão ou os pressupostos da pesquisa.

Se pensamos a Arquivologia com uma disciplina das Ciências Sociais, a oferta de metodologias que podemos mobilizar deriva, num primeiro patamar, desse universo da ciência. Como tal, parece oportuno reconhecermos previa e brevemente algumas peculiaridades das ciências sociais, conforme nos recomenda Minayio (p. 39):

- o objeto da ciências sociais é histórico ou seja, “as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configurações culturais são específicas”

- “os pesquisadores são, dialeticamente, autores e fruto de seu tempo histórico”.
- “a visão de mundo” do investigador e do sujeito investigado “está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho” (p.4)
- “por fim ... o objeto da Ciências Sociais é eminentemente qualitativo”

Claro que perspectiva qualitativa não é incompatível com o uso de técnicas quantitativas. As duas abordagens não são excludentes: “uma investigação de cunho quantitativo pode ensejar questões passíveis de serem respondidas só por meio de estudos qualitativos, trazendo-lhe um acréscimo compreensivo e vice-versa” (Minayo, 2008, p.76). Nesse sentido, essas configurações são características de áreas afins como a Administração, a História, a Ciência da Informação, entre outras.

Em 2007, a Profa. Suzana Muller organizou uma coletânea intitulada “Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação”. A autora reconhece dois aspectos que também fazem sentido no caso da Arquivologia:

[...] não há, na Ciência da Informação, métodos preferenciais ou abordagens teóricas exclusivas, possibilitando ao pesquisador ampla escolha e métodos e estratégias ...; parece estar havendo uma expansão nos métodos e estratégias que vêm sendo adotados ou propostos para as áreas sociais (p. 9).

Como pesquisadores, sabemos que há diversas classificações sobre os diferentes tipos de pesquisa: exploratória (talvez a mais frequente em nosso Programa), descritiva e analítica. Não é o caso de adentrar, nesta oportunidade, nessas classificações. Comentarei apenas duas alternativas de

metodologias da pesquisa.

Os estudo de caso, uma metodologia essencialmente qualitativa que se coaduna com diversas estratégias de pesquisa e tende a ser buscada como opção metodológica na pesquisa em Arquivologia com razoável frequência. O problema com certa frequência é a quantidade de trabalhos que pretendem ser um estudo de caso, porém não seguem os protocolos e procedimentos básicos dessa metodologia. Analisar, por exemplo, os usos e usuários de um arquivo público a partir de um ou mais pressupostos, não torna esse estudo, necessariamente, um estudo de caso. Isso acontece com razoável frequência em dissertações de ciência da informação. E, pelo que sugere a literatura, na Administração, Educação, etc.

Outra perspectiva metodológica que pode oferecer ricas possibilidades na pesquisa em Arquivologia é a Análise Comparada

Em vários campos das Ciências Sociais é frequente o recurso ao método comparativo: Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Direito, História, Linguística, Psicologia Social, etc. A ideia de comparar relações, semelhanças e diferenças de distintos fenômenos sociais estaria no cerne da Sociologia. [...] Tende-se a não distinguir claramente, em determinadas circunstâncias, o exercício de tecer comparações com o método comparativo. Lembra-nos Woortman (2008, p. 9) que a diferença consiste no fato de que “o método comparativo supõe a comparação, porém essa é uma comparação construída, consciente, parte integrante de um procedimento controlado [...] (JARDIM, 2011, p. 201).

A perspectiva oferecida por uma “Arquivologia Comparada” merece ser objeto de práticas de pesquisa, favorecendo assim sua escolha como mais um recursos metodológico para a pesquisa na área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os territórios alcançados pela Arquivologia nos últimos anos estão associados a fatores que vão desde o uso crescente das tecnologias da informação, à emergência de novos fluxos informacionais, passando pela produção e conservação de documentos arquivísticos digitais. Há transformações em curso na gestão de serviços e instituições arquivísticas, na formação do arquivista e nas demandas sociais sobre os arquivos.

Tais alterações ocorrem com maior ou menor intensidade em diferentes países. Em graus variados, esse cenário de mudanças provoca questões cujas respostas são buscadas especialmente na pesquisa em Arquivologia.

A reflexão sobre a pesquisa se dá na razão direta das questões colocadas pela ampliação das suas práticas, sobretudo no universo acadêmico. Não por acaso encontra-se em Programas de Pós-Graduação, no caso brasileiro, a maior concentração de produção de conhecimento arquivístico.

Dado que o país conta, no momento, com apenas um Programa de Pós-Graduação em Arquivologia, a quase totalidade da produção de dissertações e teses derivam de Programas de Pós-Graduação de áreas afins. Ainda que seja evidente a vocação interdisciplinar da Arquivologia, esses cenários não são, de imediato, o território por excelência para as reflexões em torno de uma epistemologia arquivística, bem como a experimentação de metodologias mais condizentes com a área. No caso brasileiro, não há indicações que esse cenário seja alterado no médio prazo.

É fundamental que um Fórum como a Reparq mobilize ao máximo os pesquisadores em Arquivologia, como vem fazendo desde 2010, para a construção de agendas de debates e pesquisas.

Essas reflexões podem encontrar espaço a partir da

iniciação científica na graduação em Arquivologia. E, na medida do possível, pela ação de docentes de Arquivologia que atuam em programas de pós-graduação de áreas afins.

A institucionalização científica da área no Brasil depende de várias iniciativas que incluem a ampliação dos periódicos da área e a criação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Trata-se de um processo lento e complexo que exige o comprometimento da comunidade de pesquisadores em Arquivologia.

Enfim, espero não ter caído demasiadamente do trapézio, mesmo sem rede de proteção. Obrigado a todos pela atenção.

REFERÊNCIAS

BARBARA Roth, Barbara, BURGY, François. La recherche en archivistique. Entretien avec le professeur Carol Couture. Archives, Quebec, v. 30, n 3-4, 1998-1999.

HOTTIN, Christian. Plaidoyer pour la recherche archivistique. Histoire et Sociétés, alternatives économiques, 2007. Disponível em: < <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00078121/document> >. Acesso em: 12 jun.2015

HOTTIN, Christian. L'archivistique est-elle une science ? Labyrinthe, 2003. Disponível em: < <http://labyrinthe.revues.org/323#text> >. Acesso em: 15 jun.2015

JARDIM, José Maria. As relações interdisciplinares da Arquivologia. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 3, 2008. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ENARA, AAERJ, 2008. p.30-42

JARDIM, J. M. . Obstáculos à construção de políticas nacionais de arquivos no Brasil e na Espanha: uma abordagem teórico-metodológica de análise comparada. Liinc em Revista, v. 7, p. 197-213, 2011.

JARDIM, José Maria. A pesquisa em arquivologia: um cenário em construção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). Estudos

avancados em arquivologia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 135-154.

MINAYO, Maria Cecília. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008

MULLER, Suzana P. M. (Org.). Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.